



DOMINGO DEPOIS DO NATAL

Isaiás 63,7-9 – Tu és o Pai que nos protege

Salmo 148 - Louvai-o, ele liberta crianças e jovens

Hebreus 2,10-18 – Ele participou da nossa condição

Mateus 2,13–23 – O massacre dos inocentes



MASSACRE DOS FAMINTOS E DESNUTRIDOS

“Levanta-te, pega o menino e sua mãe e foge para o Egito”. No meio do tempo de Natal o Evangelho fixa nossa atenção numa realidade muito humana da vida de Jesus. Como todo ser humano, ele contou com uma família que o criou... Teve um pai e uma mãe humanos, um ambiente comunitário no qual foi se desenvolvendo até chegar a ser adulto, que o modelou e preparou para realizar sua missão. No livro deuterocanônico de Ben Sirac (Sirácida), dos livros sapienciais na Septuaginta (Bíblia Grega), encontramos ensinamentos para se saber viver na presença de Deus e na comunidade humana.

Jesus nasce também debaixo de um decreto cuja intenção primeira era a de mobilizar os meios de arrecadação tributária para conhecer os números, identificar os possíveis devedores de impostos. Engordavam-se os cofres de um império cruel, desumano, insensível à miséria dos milhões de oprimidos, desapoderados; sem dignidade, cidadania, escravizados pelos sistemas econômicos, apoiados pela religião dominante e pela política de seu país. Como hoje, prevalecia o deboche dos opulentos, dos controladores da sociedade e seus coquetéis de absinto e heroína, e comprimidos mágicos de ecstasy, que os embriagam e excitam enquanto vivem a hipocrisia da abundância (e haja abundância para satisfazer a sociedade do lixo e do desperdício).

Cabe-nos observar a “luz” que se derrama sobre os “impérios sagrados” da economia mundial e suas impiedades estruturais (Mt 2,7), mantenedores das desigualdades. Augusto, imperador, era considerado “divino”, um deus; alguém que quer ter o poder “sagrado” de controlar, submeter, recolher tributos, royalties, taxas de empréstimos, de todos os habitantes da terra (oikumene); que, no seu entender de governante mundial, lhe devem e têm que pagar, irrevogavelmente.

“A história da humanidade espera com paciência o triunfo dos humilhados” (Tagore). Vimos no GloboNews a maravilhosa mineira Adélia Prado. Perguntada sobre "o que ela espera...", numa confissão

comovente, respondeu com longa reflexão sobre o sentido da vida: "Espero Jesus!". Meu Natal, passarei refletindo sobre as sociedades herodianas de nosso tempo: se pudessem, matavam o "menino sem-nada" no berço... mais uma vez. Mas a Esperança de vida, como a borboleta, tem asas e muitas cores... Jesus nasceu e sobreviveu aos determinismo sociais da época. A fome e a miséria eram o cenário onde nasciam os menininhos pobres e carentes como ele, sem nenhum perigo para a sociedade que os excluía imediatamente, dispendo-se a exterminá-los. Logo depois, para eliminá-lo, essa mesma sociedade promovia ou apoiava um genocídio, o mais clamoroso das histórias do Evangelho. Os meninos do tempo de Jesus nasceram condenados à morte desde o nascimento. Hoje, conhecemos seus irmãozinhos, em todo o mundo, que nascem também com essa condenação, juntamente com o menino nascido na estrebaria e embalado num berço improvisado num cocho.

A Natalidade de Jesus de Nazaré é um convite para mergulharmos na realidade que se apresentava ao menino que irrompe do ventre de sua mãe adolescente, gravidez sob condenação social, numa estrebaria, um sem-terra, sem-teto, sem-nada, à semelhança das crianças que nascem no terceiro mundo, e no Brasil (IBGE, entre 53 milhões de brasileiros e brasileiras constantes na escala social dos que se encontram, no mundo da economia, e do consumo de bens essenciais: alimentos, habitação, trabalho, transporte, lazer, na pobreza e na miséria total. Se Jesus nascesse aqui, sob a opressão dos sistemas econômicos, seria um dos bebês que vêm ao mundo devedor de milhares de dólares ao FMI, BID, G-8, (cf. dados do IPEA). Mas que não se esqueça: ao mesmo tempo, seria credor de dívidas sociais desta sociedade dita cristã que lhe deve tudo e não quer pagar. Não há Procon que resolva...

Vivemos uma cultura sitiada pelo dinheiro (Jurandyr Freire). A sociedade herodiana, sem se importar com custos e sacrifícios impostos à maioria dos jovens, sob cenários intermitentes de violência e exclusão social, decreta a morte das utopias, e tacha de ilusórias as lutas por um mundo em que caibam as crianças que nasçam para um mundo em que prevaleçam os valores da justiça, igualdade e solidariedade. Porém, sobrepõe-se o egoísmo das elites privilegiadas que também sustentam a economia do narcotráfico – postura que é produto do absoluto cinismo – das muitas pessoas e instituições que vemos participando de atos "aristocráticos", fazendo declarações e defendendo hipocritamente o fim do poder paralelo dos chefões do tráfico de drogas. Hélio Luz incomodava desembargadores, magistrados, figurões da Tv, e políticos do alto clero, anos atrás, quando denunciava algo semelhante.

A Natalidade do Senhor é tempo de esperança porque Deus resgata o povo pobre e sem valor e o chama para o centro da história da salvação. A leitura em Mateus nos apresentará a concepção de Jesus por obra do poder divino. Mas é também por esse poder que a família do menino nascido de mulher sobreviverá aos poderes políticos, econômicos e religiosos atrelados para o extermínio da esperança: o genocídio social, que parece não cessar nunca. Estudos feitos por paleopatologistas, analisando a época de Jesus e dos apóstolos, indicam que doenças infecciosas e desnutrição eram generalizadas. Por volta dos 30 anos a maioria das pessoas sofria de verminose – 50% dos restos de cabelo, encontrados nas escavações arqueológicas tinham lêndeas de piolhos –, seus dentes tinham sido destruídos, e suas vistas arruinadas. É possível, por exame do DNA, identificar doenças endêmicas, e mesmo identificar os resultados da desnutrição e da fome, naqueles dias. Realidade que não mudou para 2 bilhões do planeta,

entre eles mais de 1 bilhão de crianças morrendo por causa da fome e desnutrição.

Com moradias precárias, sem condições sanitárias adequadas; sem assistência médica; com má alimentação, os desfavorecidos faziam parte de um mundo que precisava ser implodido, e o quadro romântico que um leitor ou uma leitora da Bíblia em nossos dias faz dos ouvintes de Jesus, não faz justiça ao menino nascido numa estrebaria. Sombrio, o natal de Jesus. Todos os anos a ONU (Organização das Nações Unidas) publica índices de “qualidade de vida” (IDH), e nosso país, entre os de economia mais sólida no mundo, sempre está entre os últimos desse planeta. Onde estaria essa pobreza que não poucos admitem? A eles, os pobres e miseráveis, o Reino de Deus e a sua justiça eram anunciados e ofertados por discípulos e apóstolos de Jesus Cristo. Ele está entre os milhões de miseráveis e excluídos de nossa época (Mt 25: “Quando te vimos? Me viste quando eu estava doente... nú... com sede, fome e frio...”).

Derval Dasilio

Pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil

Autor do livro O DRAGÃO QUE HABITA EM NÓS (Metanoia-2010)

Blog: www.derv.wordpress.com

Artigos na Ultimato Online

<http://www.ultimato.com.br/ultimas/autor/derval-dasilio/#>